



Escravidão em Minas Gerais

Alda Maria Palhares Campolina

Cláudia Alves Melo

Mariza Guerra de Andrade

CAMPOLINA, Alda Maria Palhares et alii. *Escravidão em Minas Gerais*. Belo Horizonte, Secretaria de Estado da Cultura – Arquivo Público Mineiro / COPASA, MG, 1988, 152p. il. (Cadernos do Arquivo 1).

De início duas chamadas: ali são: Cláudia Alves Melo e Mariza Guerra de Andrade. Cadernos do Arquivo constituem uma iniciativa que, parece, veio com fôlego de ficar, na esteira da já muito famosa Revista do Arquivo Público Mineiro (a RAPM), que bons serviços tem prestado aos historiadores.

Falemos da iniciativa. Insere-se, por um lado, nas comemorações do centenário da Abolição. Quando nada é o Estado tentando resgatar aquilo que em outros tempos queria-se para sempre esquecido. E aí já começa a ajuda da leitura na fonte: na página doze, a transcrição do decreto assinado por Rui Barbosa ordenando a “queima e destruição imediata” de todos os papéis, livros e documentos existentes nas repartições do Ministério da Fazenda etc. etc, tudo isso em nome da honra da pátria etc. etc. Por outro lado, incluem-se nos constantes esforços de renovação do ensino de Primeiro e Segundo Graus.

Segundo suas autoras o objetivo dos Cadernos é levar o documento ao professor de História. E fazem-no muito bem. É um livro que, além de conter os documentos que se pretende sejam levados aos professores, é muito bonito. E isso faz bem ao professor, ao aluno, ao pesquisador.

Informa a ficha técnica, colocada modestamente ao final do livro (pelo que deixo registrado meu protesto), ser o projeto gráfico de José Alberto Nemer, conhecido artista plástico, que goza de enorme intimidade com a cultura mineira. A produção gráfica de Janela Gráfica. Repito: é um belo trabalho!

A organização

O livro divide-se em seis capítulos: Mão-de-obra; Repressão e Resistência; Aspectos Culturais; Impostos; Legislação; Alforria, seguidos de um competente glossário e a Bibliografia. A tudo isso antecede: “O ensino de História: a lida com as “fontes” (Alda, Cláudia e Mariza).

Cada capítulo é introduzido por um síntese da questão que será mostrada pelos documentos, os quais, com exceção do primeiro capítulo, ganham um pequeno comentário. Pequeno o bastante para que não tolha a interpretação de quem o ler, suficiente para estimular uma conversa. No glossário, palavras às vezes usuais em textos coloniais, mas, freqüentemente, verdadeiras decifrações de termos desconhecidos e às vezes indecifráveis mesmo para o mais habituado leitor, como “gró”, “quartar” etc. Enriquecendo a leitura dos textos, o convite à leitura da ilustração através de bem reproduzidas gravuras de Debrét, Rugendas, ilustrações de jornais e revistas (como o ‘humor’ da Revista Ilustrada ou o belo traço do Echo Americano).

Não há dúvida: a iniciativa é pioneira e valiosa. O texto inicial toca

em uma questão que vem sendo freqüentemente abordada em encontros de ensino: o distanciamento entre a pesquisa e o ensino de história.

O trabalho, a meu ver, tem o mérito de aproximar um pouco mais – senão a pesquisa, pelo menos o seu material básico, as fontes primárias – à atividade de ensinar. Não é só do aluno que fica distante a idéia de o que é pesquisar e o que é fazer história, fica distante também do professor. O primeiro, exposto às equivocadas “pesquisas” desde o curso primário, não sabe o que é isso. Confunde, porque a ele foi ensinado errado, estudo com produção de conhecimento, objetivo de qualquer pesquisa. O segundo dificilmente terá convivido em seu curso universitário, com pesquisadores e o fazer pesquisa, já que esta tem ficado confinada, quando lá está, aos poucos cursos das federais, com algumas raras e honrosas exceções.

Tantos elogios em torno de um trabalho que se destina ao uso de professores e alunos em sala de aula provocam, no mínimo, a curiosidade. Como se dará a distribuição desse material? Que uso real farão dele seus destinatários? Deixo aqui, portanto, um convite: queremos saber como se passou isso. Que venham, então, professores e alunos, e contem-nos como foi usado, se “valeu” ou não. Tratando-se de um livro como esse, o valor da sua resenha está em suscitar o debate: a ele, pois.

Eliane Marta Teixeira Lopes
FAE / UFMG